

UMA MEIA PARA UM PAR DE HOMENS

1970

TÁCITO FREIRE BORRALHO

No meio do palco, um quadrado branco parcamente iluminado. Ouve-se ruído de luta, gritos abafados etc. A luz fica intensa, o ruído cresce. O último grito (de como quem se liberta violentamente) e uma jovem se projeta para o centro do palco. Cai em soluço nervoso. Pelos flancos do quadrado, os perseguidores vão projetar-se na busca da jovem, mas esbarram violentamente ao se chocarem contra a luz forte, deixando aparecer apenas algumas partes do corpo nu. A luz decresce até mostrar apenas três figuras.

Sai a luz e entram slides mostrando o nome da peça, elenco, etc... A música tema, acompanha a projeção. Sai a música, a projeção, monólogo da jovem:

MOÇA – (*Violenta*): Não estampem na cara a máscara de pena. Guardem suas piedades para suas próprias misérias. Tampouco sorriam do meu estado. Mirem-se num espelho. O flagelo de vocês está sendo pior que o meu. Lá dentro! (*mais profundo*) – O meu nome é... Maria... não, Kátia... Sheila... Regina... Marli... Sônia... Sandra... sei lá. Prefiro Maria que é mais comum e se pode ouvir por todas as classes. /Tenho nome comum, cara comum, corpo comum, (*gritando*), vida comum também. / Sou fêmea, de minha raça, e fêmea é o mais comum! / E vocês? – Quem são vocês? – Dra. Inês, Srta. Carla, Madame Z... Sra. fulano de tal. Pobre, rica, séria, vadia, honrada, prostituta, alegre, triste, boa, má correta, lésbica!

Mas todas mulheres! Todas fêmeas! / Embora prefiram ser diferentes. Diferentes! Iguais em tudo, preferem parecer diferentes. Iguais no leito, no peito, na rua, no corpo, na fala, no chão, nos vermes! Mas preferem ser diferentes! Desiguais, desunidas! Olham-se com desdém. A vaidade as cega. Para que sua máscara seja melhor ressaltada, recorrem a tudo: - à roupa, cobrem o corpo para diferenciar, à peruca, mudando o cabelo, escondem outro defeito. À maquiagem, aos metais, às meias. Mostram-se pela metade! /Não tem coragem de mostrar o todo por que está podre e dará muito trabalho limpá-lo. Por isso preferem esconder a metade. É cruel ver a outra metade. E a preguiça, o luxo, o prazer, a vaidade não permitem que tenham tempo de limpar o resto. Para mostrar o todo. São. Limpo. É preferível que se vistam, adornem, a obter coragem de mostrar-se nuas. Puras. / (*noutro tom*) E é a essa raça hipócrita que eu pertença. Também sou reduzida a meia – por que sou sozinha. Não tenho apoio. A minha classe é cega! É surda! Afoga-se no charco da podridão conscientemente, passivamente. Por que lutar? Dá trabalho. Exige sacrifícios! Preferem afogar-se a transformar-se. / Até quando aos pares os homens buscarão solução para tudo? E por que aos pares? Será que descobrem que sozinhos são imperfeitos? Que precisam completar-se? (*grito*): Até quando terei que ser meia?!

(A luz decresce, ouve-se gritos de vultos que surgem de todos os lados e vão paulatinamente se aproximando.)

VULTOS – Maria! Maria! Maria! ...

UMA VELHA – Arre, égua! Toda rasgada. ‘Tavas de novo com a cambada da maconha,

né cadela!?

UM VELHO – Te agarrastes com o cavalo novo, ôh!

UMA MULHER – Taí o que dá dormir com homem pobre!

UM JOVEM – quem te fez isso? Vai, conta!

MARIA – Arre! Chega! *(Com o grito de Maria, num rápido movimento, um grupo se forma e afronta a plateia)*

GRUPO A – *(Luzes iluminam as mãos do elenco)* Nossas mãos são inúteis. Incapacitadas de criar. De apertar botões. De transformar.

GRUPO B – *(Luzes nas faces)* Nossas faces se enrugaram de ver o orvalho. De ver o progresso sem dele participar.

GRUPO A – Nossas mãos se crisparam e foram arrancadas. Se abriram e foram fechadas. Levantaram-se e foram quedadas.

GRUPO B – Nossas faces sorriram e foram caladas. Nossas bocas se abriram e foram tapadas.

GRUPO A/B – *(Todos)* Nossas vozes ficaram abafadas! *(Movimento do amontoamento – ruído de máquinas e projeção das mesmas que simbolizam o progresso industrial do século XX)*

I CENA

(O grupo volta. Primeiro somente os dois rapazes)

Roberto – Amor, flor, paz... Isso é que é filosofia!

Márcio – Onde pescaste tudo isso?

Roberto – Ora siô! Já consegui chegar à faculdade. Só que o dinheiro acabou antes do segundo mês.

Márcio – Abaixooooo!!! ... Ah, Ah, Ah... Não levaste também umas cacetadas?

Roberto – Qual nada! Não tive sorte nem de ver os resultados das primeiras assembleias!

Márcio – Pô! Mas como é mesmo? E o carro do ano?

Roberto – Tu engoliste isso também? Já sei que quando mais rico se for, mais burro se é.

Márcio – Deixa de bronca e bate logo tua caixinha.

Roberto – Que onda é essa Irmão? Sou plebe.

Márcio – O quê? E o comércio do velho? Faliu?

Roberto – Ah! Que comércio? A caixa de engraxate?

Márcio – Te manca! E essa roupa? E o “tutu p’ras coisas”?

Roberto – Manera, ô meu! Ainda tem muito qualira e muita coroa por aí fazendo “caridade”.

Márcio – É... Eu ainda estou na barra mansinha.

Roberto – Lá em casa que tá assim é o velho. Em cada virada que a velha faz, o caldo é grosso. Dá pra umas boas doses de “Whisky of Mandioca”. O velho toma cada lombada! (*noutro tom*) – Parece que estão em separação de corpos há um bom tempo.

Márcio – Ah, é? Tem pouca diferença dos meus.

Roberto – Não diz! Eu já desconfiava que ser corno honrado não era luxo só de pobre.

Márcio – Não é, pois o lá de casa sabe se honrar muito bem. Não tolera sociedade. Reparte o capital e o negócio se desemparelha.

Roberto – Mas qual é o apito dele?

Márcio – Tem anel de “adevogado”, mas é dono de uma industriazinha.

Roberto – Pentes!!?

Márcio – Acertou. Mas o material é outro. É borracha.

Lia – (*Chegando*) – Oi gente. Cadê o resto?

Márcio – Sei lá, tão por aí...

Lia – E porque vocês dois estão mofando aqui?

Roberto – É que nossa fossa é pesada. E tirar onda de sério deu melhor.

Lia – Ih. Hoje o “anjo” passou alto e o “bagulho da alegria” tava um pouco “salgado”. O “salário” tá no fim. Veio pouco.

Márcio – (*Examinando*) mas dá pra chegar em Vênus.

Lia – “Cês tavam” descobrindo alguma “magia” nova?

Roberto – Seria melhor. Mas não. Apenas um retrato das nossas “belas” famílias.

Lia – Imagino! Hoje a minha vó insistiu tanto para me levar para a Igreja, que rebentei! ... O nosso ópio aqui é o melhor. Ah, não tolero mais aquilo que chamo de casa. Tudo às avessas! Me dá sempre a impressão de que nunca chego. Volto e não chego ali. Cada vez que chego, tenho a impressão de estar sempre saindo. É podre nunca sentir que se chega. É o que sinto em família, sabe? Parece que as nossas pontes é que são minha casa. Aqui sempre sinto que chego mesmo. E sair, cada vez me faz infeliz.

Roberto – Não tem mais sentido viver olhando tudo isso. Em cada velho há um véu que mascara tudo.

Márcio – Uma hipocrisia de lascar! Vê só que educação! Tudo para ludibriar os bestas. Não fossem as “espaçonaves”. Acho que o suicídio era pouco ainda.

Lia – São mesmo de dar vexame! Não tem vergonha de mentir. São verdadeiros cientistas da aparência.

Roberto – Falam de amor como quem o pratica. E o que dá está aí. Nós. O que é que vê em casa?

Lia – Ih! Vamos ligar as turbinas que eu quero voar logo! Não saí de casa pra me continuar a me sentir nela.

Márcio – É. Cada um de nós precisa de remédio para esquecer o podre. O aroma social sufoca qualquer verme.

Roberto – Então vamos ao sonho! Ao colorido! Ao amor!

Lia – Vamos desencarnar logo!

Márcio – Por onde começamos?

Roberto – Por elas! (*desanimado*) – são poucas.

Márcio – Mas tem da outra! Ué. Mas já veio pronto! Olha lá! É da legítima mesmo?

Lia – O “Anjo” lá garantiu que é... Bem que um pico seria mais eficaz.

Roberto – Dava melhor mesmo. Eu ainda estou em jejum.

Márcio – Acho que sou o mais previdente. O diabo é que a reserva já acabou.

Lia – Vamos lá. Primeiro “elas” depois umas nuvenzinhas tá?

(*Aqui uma rápida coreografia*)

Roberto – Atenção Lua! Cérebros humanos pilotando LSD! Gozarão agora do teu defloramento!

(*O fundo musical agora deixa ouvir uma contagem decrescente para a o lançamento da Apolo 11. Após ingerida a droga, a música é de sonho.*)

Márcio – Tou pensando é como o pessoal desta cidade é tão quadrado que nos obriga a “buscar a paz” às escondidas.

Roberto – É melhor aqui que o “ponto” é seguro.

Lia – Pelo menos até enquanto os zeladores da moral pública, motorizados não nos descobrem.

Márcio – Não brinca, que o velho só fala em cadeia pra correção.

(*Aqui acendem um cigarro*)

Lia – Eles só ameaçam com isso. Se essa merda prestasse para corrigir. Correção! Vai ver que eles é que se julgam com direito de apontar nossos erros.

Roberto – Certo! Nos fazem errados. Erram pra gente ver. Continuam errados ao ponto de nos expulsar de casa pelos seus erros. E a justiça é quem vai nos corrigir! Boa piada!

Márcio – (*À Lia*) Tua mãe não dá por tua falta?

Lia – Pela minha? A velha quase sempre janta fora enquanto que o velho fica na biblioteca em altos “loves” com Cleópatra, a Rainha de Sabá, Messalina...

Roberto – Harém grande, ê?!

Márcio – Pelo menos não atrapalham tua vida.

Roberto – E o colégio? Não dá bronca das faltas?

Lia – Se dá? Mas não ligo. Os velhos também não. Quero ver a cara das freiras quando conhecerem nossa honradíssima família!

Márcio – O que farão?

Lia – Será bem interessante: Uma família cristã que não pode educar bem suas filhas. Logo, uma filha sem educação, pode-se tornar uma viciada. Daí, uma filha viciada, contamina as colegas, prejudica a moral da turma, o bom conceito do colégio, etc, etc... Uma ferida pode transformar-se em câncer, antes disso ela deverá ser arrancada, pois é incurável! Pronto! É só!

Roberto – E tu és expulsa!

Márcio – Exato!

Lia – Mas ninguém foge do Colégio, de casa, para bancar saudosista desses lugares no “ponto” sagrado. Pensemos na paz que buscamos. No amor que fazemos, na esperança da flor!

Roberto – Na esperança do caos!

Márcio – Fala outra vez.

Roberto – Na esperança do caos. Da flor. Enquanto houver perfume, sol haste, raiz, a flor vive. Assim a gente. Passada a família, nada significando o nome, os “enfeitados”, descobrindo-se este ponto, acabando o perfume – da fumaça, nós murchamos. É o caos.

Lia – E o nosso caos afetará os velhos, os moralistas, os cientistas – Eles constroem o mundo.

Márcio – Para eles não passamos de débeis marginais.

Roberto – Marginal! Eu deste modo também construo o mundo. Construo o caos construindo o mundo.

Lia – É bem verdade. Eles constroem o mundo com dinheiro com guerras, com máquinas, com ciências, com prisões, com astronautas... Mas nós construímos o mundo com amor. Com colorido. Da paz da fuga. Do caos do espírito.

Márcio – Mas nós construímos o mundo. O mundo do amor.

Roberto – É nestes tóxicos que encontramos amor. Não no mundo. O mundo nos negou o amor. E ele é profundo!

Lia – Foi preciso fugir do mundo e criar outro mundo irreal, de ilusões para sobreviver. Um mundo de sonhos, mas nosso! Nosso! Diferente, concreto para nós.

Roberto – Olha os festivais!

Márcio – Este é o nosso festival!

Lia – Sem vedetes, sem valores.

Márcio – O nosso festival de cores.

Roberto – O nosso festival de vaias.

Lia – Sem aplausos. Em tudo em nós, nada há para aplaudir. Talvez o caos.

(Aqui a música vai se intensificando com a alteração da voz)

Roberto – É melhor viver o sexo sem complexo, antes do caos.

Lia – Protestemos contra as guerras antes do caos.

Márcio – Imitemos os hippies, antes do caos.

Roberto – Onde está nossa esperança? Na flor?

Márcio – Depois de murchada? Depois do caos, depois.

Roberto – Rebentemos os pulmões, antes do caos?

Lia – Cuspamos os medalhões do pudor hipócrita!

Márcio – Rasguemos as máscaras!

Lia – Reguemos as flores!

Roberto – Calemos nossas próprias dores!

(Começam a despir-se – farão um falso “desnudar-se”)

Lia – Adiemos o caos!

Márcio – Evitemos o caos!

Roberto – Façamos o amor!

Lia – Vivamos o amor!

Márcio – Amor sim! Caos não!

Lia – Amor! Flor! Paz!

(Aqui uma coreografia que culmina com caracterização de um ato de amor e sexo a 3. As luzes decaem. A música também. Dão lugar à projeção de pombos em idílio e ouve-se o arrulho dos mesmos.)

II Quadro

I Cena:

(A mesa está sendo decomposta. O velho está sentado à mesa, fumando, apático. A velha recolhendo os pratos, leva-os para dentro. Arruma outros que cobre com um canto da toalha.)

Joana – *(retirando os pratos)* – Tudo que tu disse, Maneco, eu bem que compreendo. Mas de que adianta se aporrinhar? A tua fábrica fechou depois da minha. Foi sorte até.

Manoel – Sorte! ... Eles bem que podiam pagar, fechar assim sem mais nem menos, dispensar os operários... É tudo muito fácil pra eles. E dizer que nem o vidão que se estragou lá dentro eles contam! Vi toda uma família de patrões. Era só os filhos ficar doutor, e pronto. Gerente, mandão disso ou aquilo, diretor no lugar dos velhos. Vi todos. Avós filhos e netos. E os meus “filho”? Nós sabemos com que sacrifício foram desemburrado. Para quê? Um pra ser pescador.

Joana – *(Voltando)* – Que aliás, hoje é bem mais honroso que ser operário de fábrica.

Manoel – A outra até que graças a Deus não acabou na “Maroca” ou na “Sonho Azul”. Pela maior sorte pôde entrar na “faculdade” – que às vezes fico pensando se não é mais pior ainda.

Manoel – É... Liga o rádio que já deve tá na hora da novela.

Joana – Ah! Quase esqueci. (Liga o rádio) (Ouve-se o capítulo ainda com som baixo).

Manoel – Não disse? Já começou.

Joana – Xii!! ... Não atrapalha! *(Os dois aproximam-se mais do transistor. Ouve-se “sua” novela que é interrompida por uma edição extraordinária do jornal falado da emissora, notificando um incêndio no Goiabal. Quando é anunciado o jornal, os dois fazem gestos e ruídos de descontentamento. À medida em que o locutor vai anunciando o ocorrido, o casal assume atitude de atenção).*

Manoel – Puta merda! Não é tão longe! Pode-se ver daqui.

Joana – *(Levantando-se primeiro)* – Poxa – venha ver! Quanta casinha...

Manoel – São giraus como o nosso.

Joana – Oh, meu Deus, o que se pode fazer?

Manoel – O quê? ... Olhar, rezar... Apagar o fogo é que não.

Joana – O vento está a favor. Daqui há pouco tudo será carvão! ...

Manoel – A maré está seca...

Joana – Inda bem. Poderão salvar alguma coisa.

Manoel – *(desalentado)* São giraus como o nosso! ...

Joana – De operários, como nós.

Manoel – Que miséria, meu Deus!

Joana – Oh, Maneco. Fico tremendo, podia ser o nosso ou aqui mais perto. A gente está com a mesma aflição. Os troços pra tirar. – Não! Não quero nem pensar.

Manoel – Deixa de agouro, mulher! ... Olha! Mais uma fumaça preta...

Joana – Mais um bocado de casas! E numa hora dessas não chove! Parece que nem os bombeiros chegaram.

Manoel – Bombeiros! – O que é que meia dúzia de cabra frouxo trepado numa esculhambação de carro que mais parece carroça sem-burro, e que só vive na seca e no prego, pode fazer?

Joana – Isso é uma esculhambação! ... *(Tomada de súbito pela lembrança)* – Meu Deus! E o Pedro que não chega em casa. Com certeza está por lá, vendo de perto.

Manoel – É quando chegar vai contar melhor pra nós. Tomara que tenha vendido todo o peixe.

Joana – Eu preferiria que ele voltasse, mesmo que não tivesse nada pra contar. Estou me preocupando. Pode ser perigoso. Pedro é muito afoito.

Manoel – Eita! Parece que caiu um bocado de casa agora... - Mas se o Pedro estiver lá ajudando o pessoal não é nada ruim. Ele não é mais criança, sabe o que está fazendo. Deixa de pensar besteira.

Joana – Ora, Maneco, não é besteira, é meu filho que está em perigo.

Manoel – Deixa de ser ranzinza! Pensa nos outros! Pensa em quantas mães já perderam os filhos, ou mesmo tão se queimando pra salvar eles. Por favor, mulher. Tu só pensa em ti, no nosso filho. E sem saber ao menos se o cara tá lá. Não... Ora merda! (*Aqui há um barulho de incêndio que atrapalha o improério. Apagam-se as luzes da cena.*)

CENA II: (Luzes como na 1ª cena)

Cristina – (*Entrando com um pacote e uma lata*) – Mãe Joana, Seu Maneco, vocês –

Cristina – Soube de tudo pelo caminho. Não dava pra ver bem. Só o fumaceiro. E o Pedro? Ele tá lá dentro?

Manoel – Ainda não veio.

Cristina – Oh, e tá p'ráquêles lados...

Joana – Não te preocupa, minha filha. Nada há de acontecer com ele. Não deve demorar a riscar por aqui. Cuida de jantar.

Cristina – Não, não precisa. Já jantei na casa da Patroa. Trouxe um resto de comida para o Pedro. Tá aí nessa lata.

Joana – Mas tem até comer bastante hoje. Come mais um pouquinho.

Cristina – Não. Não tou com fome. Deixe pra Glorinha. Eu quero ver o fogo. Daqui dá pra se ver bem?

Manoel – Vem p'rá cá p'rá fora que se vê melhor. (*Cristina vai acompanhada pela sogra.*)

Joana – Fico incuida com a demora de Pedro.

Manoel – HUM. HUM!!...

Cristina – Parece que o fogo aumenta mais. Olhem. A fumaça está ficando mais escura!... Ave-Maria, Mãe Joana! Numa hora dessas não se deve nem se atrevê a pensar besteira... Mas puxa! É terrível! Pai do céu. Aquilo está um inferno de fogo! Pobre do povo da lama! Falam tanta coisa por aí... Mas ninguém sabe como começo né?!

(*Entra Pedro*)

Pedro – Pai, mãe... Cadê o povo!?

Manoel – Tamos aqui.

Pedro – Ah! Vocês estão vendo!... Que espetáculo medonho, hein?!

Joana – Você viu de perto, Pedro? Como é que está sendo?

Manoel – Que é isso, mulher? Deixa o rapaz descansar pelo menos.

Joana – É... Vem jantar logo, meu filho.

Cristina – Pedro... Trouxe um pouco de comida pra ti.

Pedro – Bota aí, enquanto eu lavo a cara – se me der coragem, eu como.

(Manoel fica sentado um pouco de lado, fumando, esperando que o filho conte os acontecimentos. As duas mulheres fazem os pratos.)

Cristina – Este é o da Glorinha.

Pedro – (*Voltando*) – Ainda tenho a cara quente!

Joana – Não devia ter lavado, pode estuporar!

Cristina – Senta, meu bem, come alguma coisa.

Pedro – Vou fazer força... Pai, o Sr. sabe onde é?

Manoel – O fogo? – Não é no “Come-Fedendo”?

Pedro – É isso mesmo.

Cristina – E como começou?

Pedro – Foi tanta estória, que eu mesmo não sei.

Manoel – E quais são as estórias?

Pedro – Uns dizem que foi um cara que estava festejando S. Benedito e, muito cheio de pau, foi soltar um foguete – e o fez pegar fogo.

Joana – E outros?

Pedro – Que foi o governo.

Cristina – Ah, essa estória não tá me cheirando bem.

Joana – Isso é um absurdo! Não acredito!

Manoel – Que confusão dos diabos! Não tão vendo que isso é conversa fiada! Se não tem casa pronta ainda.

Joana – E depois as primeiras casas vão ser pro pessoal da Tabatinga.

Pedro – Também não acho que um governo faça isso com seus eleitores.

Manoel – Também não. Mas dizem que no Rio fizeram com algumas favelas.

Joana – Mas não estamos no Rio.

Cristina – Bem, verdade que não se quer sair daqui. A gente aqui tá na lama, mas mais perto do serviço, pode ir até andando. Do outro lado vai ficar mais caro.

Pedro – Bem, acho que amanhã o jornal vai dizer direitinho como foi.

Joana – Ih! Jornal! Quando é que o jornal diz as coisas como são? Falta sempre um pedacinho de verdade, então enfeita a estória.

Cristina – É. Pra vender jornal se faz tudo.



Manoel – Tu vendeste o teu peixe?

Pedro – Vendi, tudo, pai. Tava pesando o último quilo quando ouvi a zoadá. A fumaça subiu rápido. O pessoal danou-se a correr para lá e eu fui também.

Joana – E ainda tá queimando... Agora menos.

Pedro – Mãe, eu nunca vi gente mais humana, gente mais unida nestas horas, do que a gente da lama.

Cristina – É, meu bem. Pobre sabe ter coração.

Pedro – E é mesmo.

Manoel – Mas também tem aqueles que se aproveitam.

Pedro – Duvido, não. Mas hoje ninguém se aproveitou. Tudo queria ajudar. Até criança ajudou. No escuro mesmo, só o clarão do fogo, o pessoal arrastava bagulho de dentro do girau. Que cenas desesperadas. Que cara faziam os que estavam queimados! E uma mulher, gente. Essa eu vi. Já tava fora quando lembrou que tinha um cordão de ouro que tinha guardado e voltou para pegar. Não conseguiu mais sair de lá. A pontezinha do girau quebrou e ela despencou dentro da lama. Não olhei mais o rosto. Os gritos me cegaram.

Cristina – Por que que só acontece com os pobres essas coisas? (*Silêncio*)

Pedro – Quando eu já vinha de volta, estavam tratando de abrigar o povo. No antigo cortume. Levaram colchões, roupa, cobertor... Estavam falando que ia ter televisão.

Manoel – Que pensam que vai ser um bom purgante pro pessoal escorrer as tripas e esquecer a dor que tá no couro!

Pedro – Mas vão dar casas também.

Alfredo – Casa! Aonde? Vão aterrar a lama dali e levantar casas de tijolos para eles?

Pedro – Isso não. Vão aterrar ali, mas é pra fazer uma avenida... As casas vão ser no Anjo-da-Guarda

Cristina – Boa troca.

(*Entra Glorinha*)

Glorinha – Oi gente

Cristina – Oi Glorinha

Joana – Minha filha, já é bem tarde e...

Glorinha – Já sei. Mas mãe, não repita a mesma estória de preocupação. Sua mania já está me enchendo.

Pedro – Que é isso Glorinha?

Cristina – Vem comer, Glorinha, teu prato está feito.

Manoel – Pode-se saber onde a “doutora” andava?

Glorinha – Por aí, pai. Fui ver o lugar do fogo com uma colega minha que tem carro.

Joana – E... Só voltou agora?

Glorinha – Claro! Ué, mamãe? Que comida horrível.

Pedro – Já deve tá de rabo cheio, hein?

Glorinha – Acertou, senhor peixeiro. Fui comer no Palhoça com minha amiga e o noivo.

Manoel – Comendo no Palhoça, depois de ver aquilo?

Glorinha – O que o senhor queria que eu fizesse? Que me queimasse também? Quem for podre que se quebre.

Cristina – Glorinha, tu também é gente igual a eles!

Glorinha – Infelizmente. Mas até muito breve... IH! Mamãe, a senhora quer saber de uma coisa? Já estou fora dessa miséria. Morar nessa espelunca, comer essa porcaria, ter que esconder aos colegas da faculdade onde moro, não poder arrumar um namorado por não ter casa digna de trazê-lo. Estou cansada de ter vergonha do que sou. Que me importa que se queimem todos os giraus. Acho pouco.

Pedro – Que Assistente Social tu vai ser, puxa!

Glorinha – Ora cala boca, Pedro. O que é que pescador entende de estudo?

Pedro – Tens razão maninha, pescador só entende de pescar pra ganhar dinheiro pra ti poder estudar.

Glorinha – Passas na minha cara? É? Pois bem. Não vais poder latir sempre assim. Eu dou um jeito nisso muito em breve. Mas nesse chiqueiro é que eu não vou ficar.

Pedro – Cuidado, menina! Todos queremos sair disso, melhorar, mas pode ser dessa maneira muito fácil assim. Não vai pensando que com toalhinha, sabonete e bacia se pode fazer um pé de meia.

Glorinha – Pé-de-meia! Quem deve se cuidar és tu daqui a pouco terás que te arranjar é com os parezinhos de meia de lã! E vê se não me insulta mais. Que direito tu pensa que tens?

Cristina – Tem calma gente! Cada um tem que fazer seu pé-de-meia, sim. Tu está pensando em trabalhar para ajudar nos estudos, não é isso Glória.

Glorinha – Tu é bem sabida, logo se vê. Pega o besta, casa logo, toma conta da casa e pronto! A caçula é que se dane! Que trabalhe! Agora está sendo peso para a bolsa da família...

Joana – Minha filha...

Cristina – Glorinha...

Glorinha – Eu não aguento mais. Todas as minhas colegas tem casa bonita, no chão! Não moram trepadas como galinhas nem sentem o cheiro de lama. E muitas são mais burras do que eu. Por que é que só eu tenho que ficar nessa miséria? Elas são melhores do que eu?

Pedro – E tu é culpada disso, sua besta?

Glorinha – Eu bem sei que não sou a culpada.

Manoel – Não está querendo nos culpar também, está?

Seria o cúmulo. O maior agradecimento. Gastamos tudo que tínhamos de saúde dentro de uma fábrica pra juntar nosso pé-de-meia, fizemos um, muito roto, mas fizemos. Podíamos ter mudado de bairro, ter casa melhor. E tu seria uma burra! Uma burrona, entendeu? Mas não! Teu irmão foi logo cedo fazer a vida, tu nós botamos para se educar. Quisemos fazer de ti diferente das outras meninas daqui. E acho que conseguimos. Você está diferente de todas. Sabida, mas diferente.

Joana – Diferente da gente até. Nós te criamos diferente demais. Criamos uma filha que não nos quer bem. Que odeia o nosso tipo de gente.

Glorinha – Ah! Vocês pensam que me fizeram um favor? Vocês tinham obrigação. Eu tenho o direito de saber ler, de estudar. Todo homem tem o direito de ser instruído.

Pedro – Mas isso é modo de reconhecer o que os pais fizeram, minha irmã?

Glorinha – Eu não estou desconhecendo nada seu burro! Estou assegurando meus diretos.

Manoel – Mas dessa maneira eu te proíbo!!!

Glorinha – Está bem. Não enchei mais o saco de ninguém. Eu vou começar a fazer também o meu pé-de-meia. Mas mostrarei que será de Nylon, e bem comprido!

Cristina – Deus queira que não acabe mal.

Glorinha – O que pode ser pior do que isso??

Joana – Ah, minha filha, dá graças a Deus tu não ter que pedir esmolas pra comer.

Pedro – Pedir esmola até que é decente!

Glorinha – Chega, Pedro! É muito decente pedir esmola, se entregar a um macho por Cr\$ 500,00. Toda miséria pra ti é decente. Mas pra mim não é. É bastante decente ficar nas calçadas estendendo a mão ou fazendo lista, pra implorar por auxílio por não achar emprego. É decente passar por um lixo de homem e jogar uma moeda em sua lata. Assim se ajuda também a fazer o seu pé-de-meia. Mas com um pé-de-meia desses eu limpo o rabo! E esfrego depois na cara dos que jogam as moedas. Dependendo do pé-de-meia que eu calçar.

Pedro – Glorinha, tu já estás ficando nervosa demais.

Glorinha – Nervosa? Nervos existem para ricos! Minhas tripas é que já estão virando de tantas imundície. *(chora)* Não aguento mais! Vou dormir. – *(Sai)*.

CENA III

Cristina – *(A Pedro)* Ela está cada vez mais descontente. Vai acabar ficando doida.

Pedro – Nada! Quando casar, passa.

Cristina – Quer dizer que eu não corro mais esse risco?

Pedro – Ora, meu bem, tu já provaste que tens raça

Manoel – (*À parte*) Pobre da minha filha!... É mesmo. Anel de ouro não senta em focinho de porco.

Joana – Não é isso não Maneco. Eu gostei quando ela disse que nós temos direito de não morrer burro.

Joana – Tu tem razão. Mas ela é nova, o Pedro é novo, Cristina é nova. Eles têm que brigar por esse direito.

Manoel – Ah, isso é. O pé-de-meia que a gente fez não pode ser desfiado à toa. Pelo menos nossos netos vão ter que ser feliz.

Pedro – Não pai, não se é só feliz quando se tem dinheiro, ou sabe leitura.

Joana – Tou contigo, Pedro. A felicidade é a gente que tempera.

Cristina – (*De fora*) O fogo parece que está apagando.

Joana – Sim, o fogo. Quase que a gente esquece.

Manoel – E foi esse fogo que nos fez falar de tanta coisa...

Joana – É, sempre precisa que alguma coisa de muito grande aconteça pra gente sentir coragem de se lembrar que é gente e dizer o que pensa.

Manoel – Minha velha, vamo dormir. Amanhã a gente pode ir olhar de mais perto. Até amanhã, essas criança.

Joana – (*Acende uma lamparina que carrega consigo*) Até amanhã, Deus abençoe vocês.

Pedro e Cristina – Até amanhã.

Pedro – Minha filha, as vezes acho até que a Glorinha tem razão. Eu trabalho contente mas não acho boa essa vida que a gente leva.

Cristina – Não Pedro, tá tudo bem.

Pedro – Eu sei que tu não tá arrependida, mas eu não posso me acomodar assim. Nós temos que lutar.

Cristina – Juntos, não é? Nós casamos pra isso, não foi? Pra tem mais força de enfrentar a vida.

Pedro – É meu bem, quando a gente gosta mesmo faz qualquer doidice e ela dá certo.

Cristina – Não acho que foi doidice.

Pedro – Então me dá um beijo pra provar que não foi. (*Beijam-se*).

Cristina – (*Um pouco séria*) Será que faz mal a gente ficar assim se beijando enquanto um bocado de gente tá chorando por causa do fogo?

Pedro – Mal, por quê?

Cristina – Sei lá! Acho que é desumano até.

Pedro – Besteira, minha filha. Quando é que querer bem é desumano?

Cristina – Acho que é quando se esquece dos outros.

Pedro – Ora Cristina, a gente não está esquecendo dos outros. Resolve, se ficar aqui de pé a noite toda, olhando para o lugar do fogo? Que sabe se lá onde eles estão arranjados, os que não estão queimados não tão procurando a mulher deles - mesmo entre um e outro soluço dos que estão perto?

Cristina – Acho que tu tens razão. Chorar morto, não ressuscita, mas consola a família. O importante mesmo é cuidar do enterro.

Pedro – E quando o caso é só doença, é melhor operar logo. Dá chazinho não cura. Remédio não adianta. Pra sarar tem que haver mudança e só muda mesmo é com operação.

Cristina – A gente pode mesmo amar sem esquecer dos outros, tu me convence.

Pedro – Mas tá na cara meu bem. A vida não é pra se estragar.

Cristina – (Meio sorrindo) O fogo parece que acendeu aqui. Vamos dormir que tu deve estar cansado. (*BLACKOUT*)

FIM